

## *Do secularismo radical à secularização completa no livro 1984, de George Orwell: um laboratório social*

Ricardo Cortez Lopes<sup>1</sup>  
Lis Yana de Lima Martinez<sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v15i44.63985>

**Resumo:** No livro 1984, do escritor George Orwell, secularismo e secularização são conceitos completamente aplicados no universo ficcional criado, como se a obra fosse uma espécie de laboratório social. Abordamos qualitativamente a obra pelos conceitos de secularização - aqui entendida enquanto processo histórico de desvinculação entre a dimensão pública e a religiosidade - e de secularismo - aqui entendido como atitude ativa de promover ou acelerar essa desvinculação -, detendo-nos sobre os trechos que se referem à (ideia de) Deus e à (res)significação das Igrejas. A metodologia utilizada foi a da análise de conteúdo, e os resultados apontaram que a secularização, no volume, foi um processo completo, pois Deus se tornou um ente esquecido diante de uma guerra constante (que ajuda a significar este mundo ficcional) e que o secularismo foi radical, deslocando a transcendência divina para uma imanência do Grande Irmão - e combatendo o humanismo pontualmente.

**Palavras-chave:** 1984; secularismo; secularização; Deus esquecido.

### **From Radical Secularism to Complete Secularization in George Orwell's 1984: A Social Laboratory**

**Abstract:** In the book 1984, by the writer George Orwell, secularism and secularization are concepts completely applied in the fictional universe created, as if the work were a kind of social laboratory. We qualitatively approach the work through the concepts of secularization - here understood as a historical process of disconnection between the public dimension and religiosity - and of secularism - here understood as an active

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Sociologia pela UFRGS. Pesquisa Representações Sociais e religiosidades, trabalhando com temas como Ateísmo, Secularização e Nova Era. E-mail: rshicardo@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Estudos de Literatura pela linha de pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismo do Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Especialista em Literatura Contemporânea pelo Centro Universitário UniDomBosco.

attitude of promoting or accelerating this disconnection -, focusing on the passages that refer to the (idea of) God and the (re)signification of the Churches. The methodology used was that of content analysis, and the results showed that secularization, in the volume, was a complete process, as God became a forgotten entity in the face of a constant war (which helps to signify this fictional world) and that the Secularism was radical, shifting divine transcendence to an immanence of Big Brother - and fighting humanism on occasion.

**Key-words:** 1984; secularism; secularization; forgotten God.

### **Del secularismo radical a la secularización completa en 1984: un laboratorio social de George Orwell**

**Resumen:** En el libro 1984, del escritor George Orwell, secularismo y secularización son conceptos completamente aplicados en el universo ficticio creado, como si la obra fuera una especie de laboratorio social. Abordamos cualitativamente la obra a través de los conceptos de secularización -aquí entendida como un proceso histórico de desconexión entre la dimensión pública y la religiosidad- y de laicismo -aquí entendido como una actitud activa de promoción o aceleración de esta desconexión-, centrándonos en los pasajes que se refieren a la (idea de) Dios ya la (re)significación de las Iglesias. La metodología utilizada fue la del análisis de contenido, y los resultados mostraron que la secularización, en el volumen, fue un proceso completo, pues Dios se convirtió en un ente olvidado frente a una guerra constante (lo que ayuda a significar este mundo ficticio) y que el El secularismo fue radical, cambiando la trascendencia divina a una inmanencia del Gran Hermano, y luchando contra el humanismo en ocasiones.

**Palavras chave:** 1984; laicismo; secularización; Dios olvidado.

*Recebido em 14/06/2022 - Aprovado em 21/09/2022*

### **Introdução**

Secularização é um conceito que ilustra com bastante definição a complexidade das ciências sociais na medida em que há o contato entre conceitos e fenômenos sociais e disso se produz aproximações e afastamentos. Na atualidade, percebe-se a oscilação do trato que os produtos midiáticos empregam à temática religiosa, trazendo obras que, por vezes, afirmam a religiosidade em suas temáticas e, por tantas outras, a questionam ou apenas a silenciam. A observação pendular da questão seria, no entanto, apenas uma entre muitas outras interpretações do fenômeno, que, por sua vez, articulam um número significativo de evidências e criam teorias de maior ou menor alcance, porém, a este

artigo cabe apenas um recorte. Ainda, analisar ficção dentro de um quadro mais amplo poderia não ser de grande valia nesse momento, uma vez que ela não gera um contato direto com os dados empíricos. Então, abordar-se-á aqui a secularização enquanto chave de acesso a cenários que levam os conceitos a balizas determinantes, o que permite que sejam laboratórios das formulações sociológicas. Destarte, o objeto de estudo tratado é o livro *1984*, do escritor inglês George Orwell, escolhido por sua relevância enquanto obra literária e enquanto veículo de ideias.

Conhecido por sua influência direta em *reality shows* - em especial o *Big Brother* - e por seu imenso sucesso editorial, o que logrou adaptações em diferentes mídias, o romance distópico apresenta uma realidade em que a ilha da Grã-Bretanha tornara-se uma província do superestado da Oceania e é, então, reconhecida pelo nome de Pista de Pouso Número 1. Supostamente, o planeta encontra-se em uma atmosfera constante de guerras, o que aparentemente justificaria um regime de vigilância governamental onipresente. O regime, além de instituir uma nova língua, realiza constantes manipulações públicas e históricas. Os habitantes da região estão permanentemente sob a supervisão inflexível do Grande Irmão, líder do partido no comando, mas que compõe-se na narrativa mais como uma presença de ordem abstrata do que como um ser humano existente. A trama adverte para a impossibilidade do pensamento e da ação livre. Mesmo não sendo realidade compartilhada, seu enredo tangencia a totalidade de uma sociedade fictícia com vistas a refratar um futuro imaginável, dentro da ótica criativa do autor. Como aponta Margaret Drabble (2000), a escrita de Orwell traduzia seu caráter panfletário e jornalístico, pois ele se compreendia como um escritor político, alguém que abominava totalitarismo e já encontrava-se descorçoado com os métodos do comunismo. Ainda, escrito em 1949, o livro fala sobre um futuro possível, o que o permite lidar com projeções visto que sua mensagem reflete sobre discussões e concepções acerca do futuro.

Egregiamente apreciar-se-á o secularismo enquanto resultado nas instituições, a partir de uma definição provisória a ser aprofundada posteriormente: privatização ou aniquilamento do religioso por ação intencionada e de maneira global. Se nas instituições do mundo objetivo o volume de dados é quase infinito (além das dificuldades metodológicas para o seu acesso); em uma obra literária, no entanto, os dados estão restritos ao que o autor evidencia por meio de seu narrador; então, a projeção do futuro contempla apenas o universo ficcional proposto, não havendo por parte do pesquisador a necessidade de debruçar-se sobre referências históricas, mesmo sobre aquelas que teriam servido como impulsionadoras junto ao processo criativo. Assim, é possível lidar diretamente com a obra, permitindo um mergulho mais detido nas significações por ela

expressa. No entanto, pela potência do caráter panfletário que Orwell emprega em sua escrita, não será de todo esquecido seu envolvimento pessoal com determinadas questões.

Partindo do entendimento de que “a arte é um meio de experimentar o vir a ser do objeto” (EICHENBAUM, 2013, p. 91), propõe-se compreender o seguinte problema de pesquisa: “Como se desencadeia o secularismo no livro 1984?”. A proposta de resolução e interpretação do problema foi obtida pela mirada qualitativa, com base na análise do conteúdo do livro. Em uma segmentação futura, detalha-se com maior clareza os procedimentos teóricos e metodológicos, porém, é necessário que antes sejam tecidas algumas considerações acerca da literatura enquanto mídia e arte.

### ***A literatura e seu potencial de criação de mundos sociais possíveis: George Orwell e 1984***

Nesta seção, o enfoque será o fato de a narrativa permitir interpretações políticas (secularismo) e sociorreligiosas (secularização). Ou seja, desejamos provar que é possível, através da literatura, inferir todos os elementos estudados, mas com enfoque em 1984 e nos seus ecos interpretativos. Então, para que possamos dar a nosso leitor a possibilidade de compreender como a obra de Orwell permite uma leitura do secularismo radical e da secularização, iniciamos com uma breve observação de sua referência midiática.

Conceituar a mídia literatura tem sido uma tarefa difícil aos teóricos. Muitas são as tentativas de definir o que a literatura é enquanto manifestação artística e objeto de estudo. Assim, uma determinada característica pode ter sido superestimada por um determinado grupo e subestimada por outro. Etimologicamente, a palavra literatura vincula-se ao vocábulo latino “literatura, ae”, cujo significado é “letra”. Assim, literatura para os romanos, segundo Quintiliano, estava no texto escrito, embora nem todos os textos recebessem essa nomenclatura. Da mesma maneira, tece Massaud Moisés (2001) seu argumento de que literatura é apenas escrita, não sendo o folclore ou as narrativas orais tidas por esse conceito. Já o senso comum de hoje compreende literatura como aquilo que abrange poesia e romance ou, ainda, como um termo que implica qualidade e boa estética. Ambas as definições, não satisfazem as transformações que o texto literário sofre ao longo do tempo, como demonstra Marisa Lajolo (2018), e pecam por não considerar a literatura oral como literatura. Pelo mesmo motivo, mesmo as definições teóricas mais contemporâneas não são inteiramente satisfatórias, ainda que apontem uma possível atmosfera de trabalho. Ainda assim, Lajolo (1983) propõe que todos os conceitos sugeridos parecem, em certo grau, explicar de forma convincente o que é a literatura segundo a produção de seu próprio tempo. É mister, então, apontar como esse termo foi diferentemente concebido em distintos momentos históricos.

Uma das principais tentativas que se tem conhecimento foi a de Aristóteles. Na Grécia antiga, ainda não empregava-se o lexema “literatura” que, segundo Vitor Manuel de Aguiar e Silva (2015), só seria utilizado pela teoria a partir do século XVIII, mas vemos em seu lugar o lexema “poética”. Em sua tentativa, Aristóteles considerou relevante delimitar os espaços entre a poética e a história – sendo a primeira imitação da ação e a segunda a narrativa de eventos que já ocorreram e estão fixos no tempo. Também procura-se revelar que o metro quando empregado em matérias que não a imitação, como a medicina, não faz de seu escritor um poeta. Podemos compreender, a partir da Poética, que, para o filósofo, o mundo da literatura é o mundo possível.

Segundo Horácio, na Roma antiga, para escrever literatura o artista deveria dominar a técnica, respeitando rigorosamente as regras estruturais de cada gênero. Para ser literário, o texto deveria obedecer à consistência e à unidade do gênero, sendo a criatividade do escritor menos importante do que a harmonia entre tema, estética, estrutura e linguagem. Contudo, com o passar dos tempos, e mais visivelmente com o início do Romantismo, a criação literária passou a se livrar das amarras dos gêneros e das fórmulas que trazia desde o neoclassicismo, quando havia realizado a retomada dos textos de Aristóteles e Horácio como dogmas a serem seguidos. Hoje, acreditamos que mesmo que a estrutura e a estética ainda fossem caras a movimentos como o Parnasianismo, não bastaria, como explica Dino del Pino (1970), que uma obra apresentasse estrutura elegante ou artifícios de estilo para possuir caráter literário.

Para os formalistas russos no século XX, o literário se manifestava na linguagem como um conjunto de desvios da norma. Entendiam que a literatura seria uma forma peculiar de linguagem que transforma a linguagem comum do cotidiano. Essa proposta provém, de acordo com Terry Eagleton (2019), das considerações formalistas de que a obra literária seria uma reunião de artifícios (som, métrica, sintaxe etc.) relacionados entre si como funções dentro de um sistema textual global. Todavia, podemos observar que as definições do formalismo ocupam-se mais de compreender seu novo conceito de literariedade do que de conceituar o que a literatura é.

Contudo, alguns teóricos demonstram discordar da proposta referencial dos formalistas e de outras correntes teóricas. Terry Eagleton, ao se atentar às influências que a literatura recebe e exerce na sociedade, considera que literatura é um nome que as pessoas dão de tempos em tempos a um tipo de texto. Sendo, portanto, o valor uma medida volátil e não necessariamente estrutural. Dessa forma, o crítico inglês aponta que todas as obras literárias são reescritas pelas sociedades que as leem, visto que não haveria releitura sem que também não houvesse reescrita. Por essa razão, textos que inicialmente não eram considerados literários passaram a ser em um futuro próximo, e outros

deixaram de ser. Tal seria uma das razões pelas quais o ato de classificar algo como literatura seja extremamente instável.

É nessa mesma corrente que Antonio Candido (2011) propõe que a literatura seja considerada um bem incompressível, pois compreende que a obra literária é um objeto social que necessita, para que ela exista, alguém que a escreva e alguém que a leia, e esses sujeitos são todos elementos de uma articulação social, cultural e política. Nesse sentido, Candido se esforça em promover o entendimento de que a literatura é um agente transformador, pois estimula os sentidos do leitor e o leva a experimentar, a buscar compreender para além de sua realidade.

Do diálogo com a cultura e com outros textos, os escritores percorrem uma fonte que parece ser geral e comum a qual consultam, nem sempre conscientemente, durante o fazer literário e acabam por produzir a ressignificação dos temas. Já observava Mikhail Bakhtin (1997, p. 298) que o texto literário é um “elo na cadeia de comunicação verbal” que “se relaciona com as outras obras-enunciados: com aquelas a que ela responde e com aquelas que lhe respondem, e, ao mesmo tempo, nisso semelhante à réplica do diálogo, a obra está separada das outras pela fronteira absoluta da alternância dos sujeitos falantes”.

Fabrino (2014) expõe como os textos literários transacionam da religiosidade às questões humanas. Ainda que houvesse deuses, os textos gregos já diferenciavam-se dos escritos do antigo Egito, por exemplo, por tratarem essas entidades enquanto atuações e personificações de sentimentos e razões humanas. Segundo a autora, a literatura grega é responsável por lançar as bases para a produção ocidental de literatura que estava por vir. A literatura manifesta sua relevância ao permitir que se contraponha a partir de seu conteúdo e forma a compreensão de lugar no mundo, impulsionando a edificação do autoconhecimento do leitor.

Quando o leitor percorre textos e se aventura pelas obras, informa-se sobre os aspectos que constroem a cultura e os valores de um povo ou de uma época, o que lhe permite relativizar identidades de forma crítica, mas também prazerosa, visto que a leitura também se constitui como uma forma de entretenimento. Então, enquanto mídia, a literatura apresenta a função de estimular o leitor para a pluralidade e diversidade do mundo, das pessoas, das situações e das opiniões. Por meio do seu “fabular” (cf. CANDIDO, 2011) que o leitor terá a compreensão, pela leitura, dos contrapontos da construção social e da vida, entremeados entre lacunas, palavras, ditos e não-ditos. Enquanto agente cultural, ela tem o poder de desestabilizar o indivíduo, de modo a propor que reflita mais profundamente sobre o ser e cotidiano ao sugerir novas indagações, inquietações e irresoluções sobre os mais variados temas. E é a isso que

Orwell se apegar: literatura, enquanto mídia, tem por função a reflexão individual e profunda de sua mensagem. O texto torna-se vínculo de ideias e correio de impressões.

Em *1984*, tem-se a trajetória de Winston, que, por ser empregado em uma jurisdição que trabalha com a falsificação da história, passa a questionar o regime em que vive. Explica Dowty (2017) que a temática do livro trata tanto de um governo opressor quanto sobre o perder da fé dentro de uma teocracia, visto que é comparável o constante questionamento do protagonista quanto a humana existência do Big Brother à luta de um homem para aceitar sua descrença em Deus. Em sua incerteza, Winston perambula em busca de indícios de que outros personagens também compartilham de suas inquietações e de que não acreditam verdadeiramente no Partido. Tal seria o principal motivo de ele se vincular à Júlia enquanto interesse sexual e amoroso. Em seus discursos e nos das demais personagens, tem-se a “alternância de ideias” (cf. BAKHTIN, 1997).

Com relação à mensagem e ao objetivo maior da obra, podemos observar um forte teor político, muito embora apresentem-se questões culturais e psicológicas:

À primeira vista pode parecer que Orwell objetivava, com esta narrativa ficcional, estabelecer uma crítica ao estado de coisas então existentes na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) após a degeneração da revolução. Sua implacável crítica, não anticomunista, dizia respeito ao estabelecimento do stalinismo como ideologia oficial daquele Estado (DE ALMEIDA, MOTA, 2019, p.145)

Logo, o enfoque recai intencionalmente sobre a dimensão política, relacionado mais especificamente ao stalinismo, tornando os cenários e os personagens demonstrações de como o mundo seria se fosse continuada a dinâmica social daquele tempo, uma espécie de previsão do futuro. O autor então está propondo uma reflexão que se faz por meio de um enredo ficcional, mas que aponta diretamente para o mundo objetivo do leitor e o contexto que o circunda. E esse intento, de fato, é ressaltado nas recepções da obra ao longo dos anos:

Em razão de tais características, muitas das apresentações e resenhas que promovem *1984* destacam a relação da distopia de Orwell com o contexto contemporâneo. Em artigo na Revista Galileu on-line, por exemplo, Larissa Lopes [...] afirma que “George Orwell se tornou uma fonte para compreender o presente através de sua distopia literária”. A

apresentação on-line da Antofágica Editora apresenta 1984 como “obra fundamental sobre opressão e totalitarismo e possibilita inúmeros paralelos com o momento que vivemos, 70 anos depois”. A Novo Século, também em sua apresentação on-line, alerta que “para nossa época, a visão orwelliana não é uma sentença, e sim um alerta, pois aquele futuro pode – mas não precisa – ser o nosso presente” (ANTUNES, 2021, p.36)

Dessa maneira, podemos perceber que o público-alvo está entendendo e buscando questões sobre o totalitarismo e o seu avanço, o que era uma questão muito latente no pós-Guerra e que fecundou no alerta do autor. Ademais da questão histórica, observa-se que a obra apresenta diversas significações para os diferentes grupos sociais: para ficar num exemplo, os progressistas podem utilizar para criticar um autoritarismo percebido no conservadorismo, enquanto os conservadores podem afirmar que o livro denuncia algumas armadilhas do socialismo real – e, por extensão, da social-democracia. Por esse motivo, estudar a questão religiosa pode ser uma maneira de abordar um outro aspecto da obra e que não é costumeiramente abordado nas diversas disciplinas acadêmicas que têm se debruçado sobre essa narrativa.

É importante notar que a produção de distopias é, em si, um fenômeno que deve ser remetido às condições histórico-sociais e políticas da primeira metade do século XX. Assim sendo, urge que se qualifique o que é distopia e quais são as diferenças desse gênero em relação às utopias. Em verdade, uma é produto da existência e das manifestações da outra:

É bem sabido que a distopia nasceu da utopia, e que ambas expressões são estreitamente ligadas. Há em toda utopia um elemento distópico, expresso ou tácito, e vice-versa. A utopia pode ser distópica se não forem compartilhados os pressupostos essenciais, ou utópica a distopia, se a deformação caricatural da realidade não for aceita. A distopia, que revela o medo da opressão totalizante, pode ser vista como o oposto especular da própria utopia (BERRIEL, 2005, p.4)

Dessa maneira, a utopia é *topos* do adequado, do dever ser, no qual existe a liberdade. Ela é uma experiência positiva de liberdade e por isso se faz potencialmente

impossível de ser efetivada no mundo objetivo, o mundo do leitor. Já a distopia é a ausência de liberdade e de esperança, por conta da opressão totalitária, um “*distopos*”, um “lugar ruim”. Contudo, mesmo que uma distopia relacione-se com o futuro, a sua concepção parte de realidades compartilhadas no presente. Isso ocorre por diversos fatores, dentre eles podem ser citadas as prováveis amarras de ideias dos autores enquanto seres que vivenciam sua própria historicidade, ou mesmo o entendimento de autora que deseja lograr a comunicação com os leitores, os quais vão, de fato, repercutir a obra.

Logo, o que a distopia orwelliana inevitavelmente vincula-se ao panorama da época em que foi escrita. Com relação a outras obras, podemos elencar outras distopias contemporâneas, com as quais a obra analisada poderia tecer alguns diálogos muito frutíferos como *The Shape of Things to Come*, publicada em 1933 por H. G. Wells e *Admirável Mundo Novo*, publicado em 1932 por Aldous Huxley. A primeira já apresentava a ideia de um regime totalitário que procura destruir completamente a religião, por meio de uma ruptura direta e repentina. Da mesma forma, a segunda obra explicitamente ilustra o condicionamento – como ocorre com a *novi-lingua* de 1984 – porém a religião não é uma questão tão relevante nessa obra na medida em que não é explicado como ela se torna menos relevante do que o uso do soma, por exemplo.

Outra reflexão a ser feita está na genética de autoria de Orwell. Tal como já estudado, o autor era, majoritariamente, um ensaísta, e possuiu apenas alguns livros ficcionais. Assim, percebe-se um aprimoramento de estética e um desdobramento de temas:

Como já foi afirmado, o ensaio foi o formato em que Orwell se destacou até a parte final de sua carreira. Já o prestígio e recorde de vendas como romancista só surgiu com a publicação de *Revolução dos Bichos*, seu penúltimo livro, e o sucesso absoluto de 1984 foi pouco testemunhado pelo autor, pois ele morreu de tuberculose sete meses depois da publicação (TAVARES, 2013, p. 14).

Como podemos perceber, os romances foram maneiras que Orwell encontrou de aprofundar alguns pontos de seus ensaios (de ímpetos jornalísticos, o que o levou a diferentes cenários). Por exemplo, *Burmese Days* (1934) trata das suas experiências na Birmânia também da perspectiva ficcional. *A Revolução dos Bichos* poderia ser considerada como um a prequela de 1984, visto que nele são retratadas a produção do estado totalitário por meio de porcos (que parodiam a formação da União das Repúblicas

Socialistas Soviéticas Posteriormente, em 1984 é dada consolidação desse autoritarismo por meio dos blocos. A historicidade atravessa a obra do autor entre 1938 e 1942 porque

[...] o fascismo ainda era o grande perigo totalitário. E foi a partir do nazismo que Orwell reflete sobre um líder que controla não somente o futuro como também o passado, um líder que tem o poder de afirmar que dois mais dois são cinco. Essas antecipações diretas de 1984 são respostas ao fascismo e à reinstauração da escravidão que ele percebe com o surgimento do nazismo [...] Orwell busca um novo tipo de socialismo, mesmo não o encontrando na Inglaterra (TAVARES, 2013, p. 14)

Ou seja, podemos observar que o avanço do nazismo produziu uma reação muito forte na época, e a URSS não se demonstrou, na prática, como uma alternativa não-autoritária. Logo, a distopia nasce da detecção de uma tendência inexorável de autoritarismo, o que é particularmente desesperador para quem dedicou sua luta pela liberdade. Assim sendo, forma-se uma militância político-literária no autor:

O ano de 1943 foi decisivo, pois ele teve que abandonar a *Home Guard* (organização de defesa do exército Britânico durante a Segunda Guerra) e começou a escrever *A Revolução dos Bichos*, sendo rejeitado por várias editoras até ser publicado em 1945, com o final da guerra. Durante o ano de 1947, a saúde de Orwell piora por causa de uma tuberculose, porém é neste período que escreve o primeiro rascunho de 1984, publicado em 1949. Com o sucesso editorial de *A Revolução dos Bichos*, suas preocupações financeiras haviam acabado, uma vez que o livro vendeu milhares de cópias e começou a gerar lucros. Orwell foi hospitalizado em setembro de 1949 em Londres e se casou, ainda no hospital, em outubro com Sonia Brownell (TAVARES, 2013, p. 20).

Dessarte, Orwell conjugou sua escrita com suas incursões em campo de batalha, o que o mobilizou por diferentes variedades de situações e alimentou muita de

sua criatividade no momento da escrita. Então, esse jogo de contrastes o fez adquirir um tipo de reflexividades sobre o panorama inglês e sobre o globo:

No ano de 1937, ocorre o evento histórico mais importante e que marca efetivamente a obra e o pensamento de Orwell: a Guerra Civil Espanhola, momento em que se filiou ao POUM em Barcelona, servindo no front em Aragão. Ele tentou se alistar em Madri, mas por ter se envolvido em um conflito com as autoridades republicanas do POUM, e ao ter levado um tiro na garganta que comprometeu sua voz pelo resto da vida, Orwell acaba retornando para a Inglaterra em junho de 1938 e publica o célebre *Lutando na Espanha*, em que relata sua experiência de batalha. Segundo parte dos comentadores da obra orwelliana, isso completa sua ruptura com a esquerda ortodoxa, antes iniciada em *O Caminho para Wigan Pier*, ao criticar as posições socialistas ortodoxas britânicas (TAVARES, 2013, p. 14).

Orwell participou diretamente de conflitos militares e não encontrava um lado específico na política aplicada, ora conflitando com ideologias conservadoras, ora conflitando com lideranças revolucionárias - é por demais sabido que Orwell lutou na Guerra Civil Espanhola e dos seus contratempos que teve ali com os comunistas, e de sua desilusão com o Pacto Ribentrop-Molotov:

Houve muitas controvérsias acerca da Guerra Civil Espanhola, muitos historiadores consideram que a revolução (anarco-sindicalista sob o comando do POUM) era uma distração irrelevante de uma guerra desesperada. Posteriormente, foi afirmado que se tratava de uma sabotagem do esforço de guerra. Porém, Raymond Williams afirma – a respeito da questão da tomada do Partido Comunista na Espanha claramente sobre influência da liderança de Stálin na URSS – que foram poucos os que argumentaram que a supressão da revolução pelas forças republicanas era um ato de poder político relacionado à política soviética, que chegou ao ponto de traição da causa pela qual o povo espanhol lutava. O grande choque se deu

quando Orwell retorna a Barcelona depois de passar dois meses em combate e ver uma cidade completamente diferente de que havia encontrado, antes próspera e no comando da classe trabalhadora. A atmosfera revolucionária estava desaparecendo e a os operários não aparentava mais ter tanto controle da situação. Isso não foi apenas o resultado de mudanças políticas, levando ao fim da milícia popular e à reorganização do exército e administração centralizados (TAVARES, 2013, p. 14).

Destarte, o ato de escrita orwelliano está imerso dentro de toda esta atmosfera de jornalismo e luta de campo em prol da consolidação do comunismo, o que de fato não aconteceu conforme esperava e isso gerou o seu desconforto. Curioso notar, também, que a divisão do mundo em esferas de influência, realizada nos acordos de Teerã, se casa admiravelmente com a divisão geopolítica de 1984 – como demonstram o Tratado do Atlântico Norte, o Mercosul, a União Europeia etc., embora não houvesse um cenário de guerra declarada e contínua tal como no livro.

### ***Referencial teórico (a secularização e o secularismo) e a metodologia (literatura)***

O objetivo deste estudo é o de investigar como a secularização e o secularismo se expressam na obra em questão. Para esse fim, vamos realizar uma definição do que é secularismo e de ficção, com o fito de demonstrar referências e procedimentos a serem desenvolvidos nas próximas seções.

Porém, antes é preciso realizar uma breve revisão dos dois conceitos para estabelecer o campo de estudos. Ainda, é importante ressaltar que essas disputas conceituais partem de um grande guarda-chuva, que é a teoria da modernização. A começar por uma distinção entre secularismo e secularização e laicidade e laicismo:

Por secularização, compreendemos um processo de longa duração, em que são estabelecidas as normas para se reestruturar o universo religioso e a retirada do controle social do poder eclesiástico. Vista a partir de uma composição global, a secularização colaborou para a ruptura da homogeneidade social estabelecida pelo poder eclesiástico, valorizando, assim, a liberdade individual em meio à sociedade contemporânea (MOURA, 2015, p.26)

Então, a secularização é um processo histórico e que tem lugar no tempo, e diz respeito à perda de supremacia de instituições religiosas na determinação da dinâmica social. É claro que essa é uma leitura possível, não há nenhum tipo de consenso em que esse processo será continuando ou mesmo acabado, como podemos perceber em Charles Taylor (2010), que apregoa que a secularização ocorre por meio da proliferação de um enquadramento imanente do mundo e que esse processo transborda da dimensão religiosa em si.

E quanto à laicidade? Em uma definição possível, ela seria algo como um funil uma vez que ela é “um processo restrito ao poder político” e “seu conceito tem como base a desvinculação do Estado a qualquer grupo religioso, que pode ser compreendido como a ausência dos preceitos eclesiais na esfera pública, ou seja, a neutralidade do poder civil nas questões religiosas” (MOURA, 2015, p.33). Dessa maneira, o conceito se refere a um ordenamento jurídico e que toma como referente uma desvinculação. Ele assegura que a imiscuidade não ocorra novamente, porém isso não implica em uma posição “pró-ativa” do estado sobre o religioso. Essa postura mais pró-ativa vai ocorrer pelo laicismo:

A salvaguarda da privacidade da família e a vigilância perante os tentames para se criar um partido católico, acompanhada pelo interesse em pugnar pelo ensino obrigatório, gratuito e laico — condição que se considerava primordial para se conseguir a interiorização e a socialização dos novos valores dessacralizados —, e pela garantia da neutralidade religiosa do Estado e dos actos essenciais da existência individual, foram-se definindo como as principais preocupações da propaganda laicista. (CATROGA, 1988, p.211)

O conceito de secularização, portanto, começa com a distinção entre o que está no tempo (no século) e o que está fora dele (o sagrado). Em uma definição etimológica, secularismo seria tornar a interpretação do mundo cada vez mais materialista, ou imanente e menos sagrado, ou transcendente. Porém, há análises sociológicas como a de Max Weber, que lê um desencantamento do mundo a partir da modernidade, outras que enxergam um processo de privatização crescente do religioso e outras que afirmam que as religiões renascem. Para fins teóricos, vamos considerar que a secularização é o nome dado ao processo de transformação da participação da religião no espaço público, enquanto o secularismo é o ímpeto político de a expulsar - na versão radical sendo a

vontade de extirpar a religião como um todo. Até o momento, a versão radical não se tornou uma realidade empírica – dado os *revivals* religiosos que ocorrem desde a década de 1970 – porém isso de fato ocorreu no livro *1984*, com o extirpar da religião, tal como apreciaremos adiante. Logo, o conceito radical ganha uma viabilidade, uma via de análise empírica, e este será o nosso enquadramento:

Com o tempo, a palavra secularização, que outrora estava intrinsecamente ligada aos movimentos secularistas, se tornou um vocábulo sem o mesmo peso valorativo que se opõe à religião, ganhou o significado de um processo histórico pela expansão da fé cristã, semelhante a tese que Weber defende em *A Ética Protestante*. Em contraste, a palavra secularismo ganhou a conotação de uma ideologia que combate às religiões (ALVES, 2017, p.22)

Portanto, podemos perceber que a secularização pode assumir o sentido de arranjos políticos e, nesse caso, corresponderia ao que chamamos de laicidade. Assim, há uma transformação espontânea e mais global, o que seria diferente do secularismo, que seria a intenção da expulsão da religião da arena por parte de alguns autores:

Tratar sobre o secularismo torna-se uma tarefa ainda mais difícil em virtude de sua proximidade com a noção de secularização. Os termos têm significados distintos e propósitos analíticos diferentes. A secularização, é o processo sócio-histórico e cultural de declínio ou afastamento do religioso tanto das práticas da vida cotidiana como do pensamento humano. Característica essa, própria da modernidade ocidental, mas não a ela exclusiva (MEZADRI, 2017, p.68)

Com base nessa expressão teórica determinamos a metodologia do estudo, com a análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Em um primeiro momento, lemos o livro de maneira fluante e, posteriormente, focamos na resolução do problema de pesquisa, por meio de categorias a posteriori: “Deus”, “Religião” e “Igrejas”. Os trechos selecionados foram considerados, posteriormente, com o fito de encontrar os conceitos expressos por meio de categorias determinadas (na pré-análise), com a posterior apreciação qualitativa das frases selecionadas. Por meio dos dados encontrados neste último procedimento, o

da análise, realizamos as inferências, para conectar os dados entre si e com as teorias da secularização e do secularismo. Esses desenvolvimentos estão sintetizados na tabela 1, alocada na seção posterior.

Mas urge perguntar: qual a relevância de se estudar o secularismo radical por meio da literatura, uma vez que não se trata de sujeitos históricos? A literatura, quando abarca a ficção, consegue servir como veículo de transmissão de pensamentos políticos e demais ideologias por se tratar de uma mídia, um elemento de comunicação, o que ocasiona que ela tenha certa ancoragem no mundo real para se fazer compreensível para o leitor. Assim, o livro não é “documental” e “histórico”, porém ele é “fidedigno”: a força está na sua plausibilidade nos processos históricos, como se fosse um experimento. Em outras palavras, o texto de *1984* possui verossimilhança interna, mas também externa. Especificamente para a sociologia, são os personagens os mais relevantes dentro da ficção por ser entre eles que ocorrem as relações sociais:

Assim, o personagem pode até parecer a criação de uma inteligência individual ou coletiva, mas é um espelho não perfeito de um grupo ou de indivíduos. Não é perfeito porque o social é só uma parte de composição. Nem me atrevo a afirmar que o personagem é uma representação em total: há também a criação, que não se trata só de contraposição ao já estabelecido, mas também justamente dessa metafísica que faz com que alguns personagens atinjam valores quase universais, que encarnem verdadeiros sentimentos (MARTINEZ; LOPES, 2019, p.7)

Nesse caso, o personagem de ficção é uma composição de uma série de referências, inclusive a social. Dessa maneira, estudar os personagens é estudar um contexto social. É essencial a consideração de que, dentro de *1984*, as instituições também são personagens ficcionais, com a particularidade de que seguem padrões burocráticos de ação.

Além dessa questão teórica dos personagens, é importante também nos colocar defronte a todo um raciocínio teórico sobre a Religião Política, o que alguns dos grandes especialistas da História Política, tais como Roger Griffin e Emilio Gentile, têm realizado nos últimos 30 anos em torno da 'Religião Política', tornando-a um diálogo necessário para nossos fins. Essa religião seria bastante embasada em uma leitura do fascismo:

Acredito, de fato, que, por sua própria natureza, o totalitarismo é um experiência contínua de dominação política, razão pela qual acredito que a própria noção de “regime totalitário” deve ser vista essencialmente de um ponto de vista dinâmico, não estático, e deve ser definido tendo em mente circunstâncias históricas específicas em que os experimentos totalitários nasceram e colocados em prática, mesmo quando não parecem ‘perfeitos’ ou ‘completos’<sup>3</sup> (GENTILE, 2004, p. 328)

Como podemos observar, essa religião política estabelece elementos culturais ligados a um culto da personalidade, porém de maneira dinâmica – o que demonstra que o totalitarismo não é exclusividade do fascismo em si. Assim, se estabelece um sagrado e

esse processo ocorre quando, de forma mais ou menos elaborada e dogmática, um movimento político confere um status sagrado a uma entidade terrena (a nação, o país, o estado, a humanidade, a sociedade, a raça, o proletariado, a história, a liberdade ou a revolução) e torna-o um princípio absoluto de existência coletiva, considera-o a principal fonte de valores para o comportamento individual e de massa e o exalta como o preceito ético supremo da vida pública. Torna-se assim um objeto de veneração e dedicação, até ao ponto de autossacrifício<sup>4</sup> (GENTILE; MALLETT, 2000, p.18)

Ou seja, essa sacralização da figura do Grande Irmão produz a existência coletiva no contexto de uma guerra, como um preceito supremo – daí, o componente

---

<sup>3</sup>Tradução livre de: “I believe, indeed, that by its own nature totalitarianism is a continuous experiment in political domination, which is why I believe that the very notion of the ‘totalitarian regime’ has to be viewed essentially from a dynamic, not a static, point of view, and has to be defined bearing in mind specific historical circumstances in which totalitarian experiments were born and put into practice, even when they do not appear ‘perfect’ or ‘completed’.”

<sup>4</sup> Tradução livre de: “This process takes place when, more or less elaborately and dogmatically, a political movement confers a sacred status on an earthly entity (the nation, the country, the state, humanity, society, race, proletariat, history, liberty, or revolution) and renders it an absolute principle of collective existence, considers it the main source of values for individual and mass behavior, and exalts it as the supreme ethical precept of public life. It thus becomes an object for veneration and dedication, even to the point of self-sacrifice”.

anticlerical ou antirreligioso dos regimes totalitários da primeira metade do século XX, desde Mussolini, passando por Hitler e chegando a Stálin. Dessa maneira, o livro apresenta uma religião política, que pode ser comparada ao processo de secularização e secularismo estudados: a religião deixa de ser baseada na transcendência e sim no terreno, no ser histórico que seria o Grande Irmão e que é uma liderança. Assim, a autoridade possui uma “âncora” em um indivíduo, e não em uma divindade ou em um sistema religioso.

Findadas essas considerações de ordem teórica e metodológicas, podemos proceder a análise da obra ficcional. Mas antes de partir para a empiria, ainda resta um trabalho de contextualização do livro, para entendermos como os personagens chegaram ao processo de secularização.

### ***Análises dos trechos***

Nesta seção, apresentamos a análise dos momentos em que a ideia de Deus é abordada, para determinar o quanto há a aproximação dos dados com os conceitos em tela no estudo, levando em conta os indicadores apontados na seção anterior. Elas estão inseridas no decorrer do livro, e complementam-se no sentido de dar conteúdo ao conceito do livro. Portanto, não foi considerada a ordem de aparecimento dos trechos na narrativa, e o foco foi não na questão literária, mas sim na aplicação dos conceitos revisados.

Na seção anterior, delimitamos os conceitos a serem utilizados para parametrizar os fenômenos. Essas formulações foram decompostas na tabela 1:

**Tabela 1:** conceito, dimensão e indicadores empíricos.

| <b>Conceito</b> | <b>Dimensão</b>   | <b>Indicador empírico</b>  |
|-----------------|---|--|
| Secularização   | Processo histórico da perda de proeminência da religiosidade e da divindade para se explicar a dinâmica social. | -Relatos históricos<br>-Dinâmicas sociais resultantes da guerra; |
| Secularismo     | Perspectiva de pensamento voltada para a descredibilização da religião e de Deus.                               | -Ações estatais;<br>-Atitudes culturais de personagens.          |

**Fonte:** autoria própria.

Será a partir desses indicadores que vamos encontrar (ou não) a aplicação dos conceitos na obra estudada. Vamos apresentar os trechos e como os indicadores se apresentam. Assim, o primeiro segmento selecionado afirma o seguinte:

“Essas coisas acontecem”, começou, incerto. “Consegui recordar-me de uma ocasião... uma ocasião possível. Foi uma indiscrição, sem dúvida. Estávamos preparando uma edição definitiva dos poemas de Kipling. Deixei a palavra ‘Deus’ no final de um verso. Não consegui agir de outro modo!”, acrescentou, quase indignado, erguendo o rosto para olhar Winston. “Impossível mudar o verso. O problema era a rima: só existem doze palavras em toda a língua com aquela rima. Você sabia? Passei vários dias vasculhando a mente, mas não encontrei a rima.” (ORWELL, 2009, p.229)

Menciona-se no trecho sobre arte, pois o personagem que conversa com Winston costuma lidar com a literatura diretamente, mais especificamente poesia. Podemos perceber que ele não está à vontade com utilizar o termo “Deus”, dado que esse remeteria a outras ideias externas ao regime totalitário – o que subtrairia o indivíduo da lógica internalizada e alienante do Partido – que não sabe que está sendo alienante, apenas estaria extirpando pensamentos supersticiosos. Poderíamos afirmar, portanto, que a ideia Deus está sendo omitida, existindo ou não no mundo ficcional.

Outro trecho em que Deus é explicitado é o seguinte:

“Nós somos os sacerdotes do poder”, disse. “Deus é poder. Mas, por enquanto, no que lhe diz respeito, poder não é mais que uma palavra. Já está na hora de você ter uma ideia do que significa poder. A primeira coisa que precisa entender é que o poder é coletivo. O indivíduo só consegue ter poder na medida em que deixa de ser um indivíduo. Você conhece o lema do Partido: ‘Liberdade é Escravidão’. Nunca se deu conta de que a frase é reversível? Escravidão é liberdade. Sozinho — livre — o ser humano sempre será derrotado. Assim tem de ser, porque todo ser humano está condenado a morrer, o que é o maior de todos os fracassos. Mas se ele atingir a submissão total e completa, se conseguir

abandonar sua própria identidade, se conseguir fundir-se com o Partido a ponto de ser o Partido, então será todopoderoso e imortal. A segunda coisa que você deve entender é que poder é poder sobre os seres humanos. Sobre os corpos — mas, acima de tudo, sobre as mentes. Poder sobre a matéria — a realidade objetiva, como você diria — não é importante. Nosso controle sobre a matéria já é absoluto.” (ORWELL, 2009, p.260)

Podemos observar, neste conjunto de palavras, que o indivíduo atomizado é o mais fácil de ser dominado, pois sua força residiria no grupo - o que consistiria no mecanismo de dominação do estado sobre a formação de outros grupos contrários. Nesse caso, a existência de Deus pode ser perigosa ao, potencialmente, criar um binômio Cotidiano *versus* Transcendência. A partir desse trecho, podemos perceber que o Partido pretende que a transcendência se una ao cotidiano por meio da devoção a ele mesmo, que quer vencer a guerra de uma perspectiva realista e humana – o que conduz ao controle dos meios de produção, para utilizar a terminologia marxista.

Por essa razão, o partido busca derrotar dois inimigos, Deus e o humanismo:

“Não. Mas acredito. Sei que vocês vão fracassar. Tem uma coisa no universo — não sei o quê, um espírito, um princípio — que vocês nunca conseguirão vencer.” “Você acredita em Deus, Winston?” “Não.” “Então que princípio é esse que nos vai derrotar?” “Não sei. O espírito do homem.” “E você se considera um homem?” “Sim.” “Se você é um homem, Winston, você é o último deles. Sua espécie está extinta. Nós somos os herdeiros. Você entende que está sozinho? Você está fora da história. Você é inexistente.” O’Brien mudou de tom e disse com mais aspereza: “E você se considera moralmente superior a nós, com nossas mentiras e nossa crueldade?”. “Sim, me considero superior.” (ORWELL, 2009, p.265)

Winston, portanto, não acredita na transcendência, mas sim na imanência (no caso, o humano), mesmo que o formule em termos de essência. O Partido conseguiu derrotar o outro Deus através do esquecimento, e o humanista surge em figuras como Winston, que são mais universalistas. É contra esses indivíduos que o partido se volta

contra, pois uma “dominação carismática” poderia criar a transcendência que concorreria com o Partido.

Podemos observar Deus sendo o primeiro “ imanentizado”:

Mas nesse momento sentiu uma espécie de embargo. Sua mente, como tentando se esquivar de alguma coisa, parecia incapaz de concentrar-se. Ele sabia o que vinha em seguida, porém as palavras lhe fugiam. Quando afinal se lembrou do que devia ser, foi graças a uma reflexão consciente; a frase não surgiu por conta própria. Escreveu: DEUS É PODER. Aceitava tudo. O passado era modificável. O passado nunca fora modificado. A Oceânia estava em guerra com a Lestásia. A Oceânia sempre estivera em guerra com a Lestásia. Jones, Aaronson e Rutherford eram culpados pelos crimes de que haviam sido acusados. Ele nunca tinha visto a foto que provava a inocência daqueles homens. A foto não existia; ele a inventara. Lembrava-se de recordar coisas que contradiziam isso, porém eram memórias falsas, produtos de seu autoengano. Como era fácil! Bastava render-se, que tudo o mais vinha em seguida. Era como nadar contra uma correnteza que empurrasse a pessoa para trás, por mais força que a pessoa fizesse, e depois de repente decidir virar para o outro lado e deixar-se levar pela correnteza em vez de opor-se a ela. Nada se alterara, exceto sua própria atitude; fosse como fosse, o que estava predestinado sempre acontecia. Winston não sabia direito por que se rebelara (ORWELL, 2009, p.273)

Nesse caso, o poder é o transcendente em si mesmo, logo ter o poder é deter a transcendência como um todo. Assim, a religião seria só uma maneira de dominar, o que é canalizado, senão em conteúdo mas em estrutura, para a força do partido. Na cena em específico, as memórias de Winston estão sendo ressignificadas para a negação delas.

Podemos perceber no apêndice (sob a Novílingua) novas menções:

Teria sido perigoso lidar com sentidos mais precisos. O que se exigia de um membro do Partido era uma visão similar àquela do hebreu antigo, que, embora não soubesse muito

mais que isso, sabia com certeza que, fora a sua, todas as outras nações adoravam “deuses falsos”. Era-lhe desnecessário saber que esses deuses se chamavam Baal, Osíris, Moloque, Astarote e que tais. Com toda a probabilidade, quanto menos soubesse a respeito deles, mais convicta seria sua ortodoxia. Ele conhecia Jeová e os mandamentos de Jeová; sabia, portanto, que todos os deuses que atendiam por outros nomes ou que possuíam outros atributos eram falsos. De maneira semelhante, o membro do Partido sabia o que constituía uma conduta correta e, em termos extremamente vagos e gerais, sabia que tipos de desvios em relação a ela eram possíveis (ORWELL, 2009, p.299)

Observam-se “deuses falsos” sendo relatados como aqueles que conferiam poder na medida em que eram desconhecidos. Nesse caso, a ignorância é que cria o poder, e a secularização apenas redireciona esse esforço para o mesmo fim – a criação da dominação de um indivíduo sobre outro.

Os pensadores cristãos do fim da Idade Média enfatizaram que, apesar de o “Reino de Deus” não pertencer ao tempo histórico, a ordem social deveria compreender os princípios da cristandade e a eles corresponder. As seitas cristãs anteriores e posteriores à Reforma enfatizaram essas demandas de maneiras mais urgentes, mais ativas e revolucionárias. Com o colapso do mundo medieval, a percepção da força e da esperança do homem não apenas na perfeição individual, mas também na social, ganhou novo alento e tomou novos rumos (ORWELL, 2009, p.308)

Então, o Reino de Deus é uma duplicata que se busca, o que torna a dimensão social algo inalcançável, o que torna o poder uma espécie de sedução, e de esperança. Assim, a secularização conseguiu que Deus não fosse essa sedução, porém ainda há o humanismo, que precisa ser sufocado por manifestações pontuais, como é o caso de Winston e de outros rebeldes. A guerra como pano de fundo é o que permite que não haja espaço para as elocubrações que facilitariam a produção desses sagrados distintos do Partido.

Com relação às igrejas, vamos abordá-las em si mesmas no interior da trama. Compreende-se que são locais de exercício da fé (no caso da Inglaterra, a fé cristã, mormente a anglicana). Na primeira cena, podemos observar um diálogo em que Winston conversa com um idoso em um bar:

“As cartolas não têm tanta importância”, disse Winston com paciência. “A questão é que esses capitalistas — eles e um punhado de advogados e gente da Igreja, e assim por diante, um pessoal que vivia às custas deles — éramos donos do mundo. Tudo o que existia era em proveito deles. Vocês — as pessoas comuns, os trabalhadores — eram escravos deles. Eles podiam fazer o que quisessem com vocês. Podiam mandar vocês para o Canadá feito gado. Podiam dormir com as filhas de vocês, se quisessem. Podiam mandar açoitar vocês. Vocês tinham de tirar o boné quando passavam por eles. Todo capitalista era acompanhado por um bando de lacaios que...” (ORWELL, 2009, p.93)

Os recursos analíticos de Marx (como as categorias “capitalistas” e “proletariados”) se tornaram categorias cotidianas, e a Igreja aqui aparece como mais um parâmetro de diferenciação entre indivíduos, para além da questão da renda do capitalista. A palavra foi colocada junto a “advogados” porque, no mundo pré-guerra, com o estado moderno, eles se tornavam essenciais para manter a dominação burocrática, a moderna. Nesse caso, os religiosos estavam ajudando a manter a desigualdade social por meio da criação da alienação.

Outra cena se refere mais especificamente à igreja enquanto retrato da dominação, e não apenas a fé dos indivíduos “igrejados”:

Winston ficou imaginando sem muito empenho a que século pertenceria a igreja. Era sempre difícil determinar a idade dos edifícios londrinos. Tudo que fosse grande e portentoso, se tivesse uma aparência razoavelmente nova, recebia de forma automática o carimbo de obra posterior à Revolução, ao passo que todas as coisas que evidentemente datavam de épocas anteriores eram atribuídas a um período indistinto denominado Idade Média. Os séculos de

capitalismo, dizia-se, não haviam produzido nada de valor. Conhecer a história pela arquitetura era tão inviável quanto conhecê-la pelos livros. Estátuas, inscrições, lápides comemorativas, nomes de ruas — tudo o que poderia lançar alguma luz sobre o passado fora sistematicamente alterado. “Nunca imaginei que esse edifício tivesse sido uma igreja”, disse (ORWELL, 2009, p.101)

Podemos observar que a Igreja instituição pertenceria a uma época pré-revolução, o que a tornaria, automaticamente, desindividualizada. Além disso, ela é atribuída ao capitalismo em si mesmo, o que evidencia a sua pertença à superestrutura, a qual não consegue levar o homem ao seu potencial máximo – mas o Partido já o conseguiria. Todavia, por mais que o estado quisesse erradicar a idiossincrasia dos monumentos, mesmo assim havia certa persistência da memória pré-revolução:

“A de São Martim? Essa ainda existe. Fica na praça Victory, ao lado da galeria de pintura. Um prédio com uma espécie de pórtico triangular, colunas na frente e uma escadaria enorme.” Winston conhecia bem o lugar. Era um museu usado para vários tipos de exposições propagandísticas: modelos em escala de mísseis e Fortalezas Flutuantes, figuras de cera representando as atrocidades cometidas pelos inimigos e coisas assim (ORWELL, 2009, p.101)

Assim, o patrimônio Igreja remete ao passado num total, e não ao grupo que ele remeteria (por exemplo, os cristãos ou religiosos). Dessa maneira, a Igreja já não seria um lugar celebrado originalmente e, ainda, seria simplificada como a imagem que retrata o local do conflito de classes – daí o constante trabalho com a memória coletiva. Ora: não se está nem oferecendo a evidência, apenas a interpretação, o que denota, de fato, uma tentativa de alterar o passado, transformando-o apenas em interpretação (sem os dados) – o completo oposto do ensino de História. Porém o texto segue:

Curioso, mas quando dizia isso a si mesma, a pessoa tinha de fato a impressão de ouvir os sinos; os sinos de uma Londres perdida que ainda existia em algum lugar, disfarçada e esquecida. Um campanário fantasmagórico após o outro, parecia-lhe ouvi-los repicar. Contudo, até

onde se lembrava, na vida real nunca ouvira as badaladas de um sino de igreja (ORWELL, 2009, p.101)

Podemos observar que os sinos são quase uma metáfora para o esquecimento, pois o som está isolado do contexto original – sem os sinos e sem a Igreja – e sem significado (a liturgia), pois Winston não vivera essa época. Adicionalmente, como ela não estava registrada na História, então essa mentalidade se perdera na memória dos mortos.

A última menção à igreja encontrada no livro é como esconderijo:

Na verdade eles jamais voltaram à clareira no bosque. Acontece que no decorrer de maio houve uma única ocasião em que conseguiram voltar a fazer amor. O fato se deu num outro esconderijo conhecido de Julia: o campanário de uma igreja em ruínas localizada numa área rural praticamente deserta, onde trinta anos antes caíra uma bomba atômica.(ORWELL, 2009, p.131)

Neste trecho, a igreja havia sido destruída e o local se tornado tóxico, o que a converteu em um lugar isolado. A transgressão de Winston ocorre neste local secularizado a força (a bomba o destruiu fisicamente e afastou os indivíduos do culto), o que evidencia com mais força a idiosincrasia do casal, que estava também condenado por ser único, não fazer parte da lógica sistêmica. Coletados e analisados os trechos, quais considerações podemos fazer sobre os dados? Que relação podemos fazer com a teoria?

### ***Considerações Globais***

O objetivo dessa seção é, ao construir as induções, articular as diferentes teses da secularização e a sua dimensão mais política – secularismo – com as conclusões qualitativas retiradas dos trechos anteriormente analisados. Assim sendo, o foco será a leitura da secularização e secularismo em 1984 e o potencial ou real impacto inferido através da análise realizada.

De uma perspectiva mais ampla, secularização e o secularismo considerados enquanto fenômenos sociais (e não apenas como conceitos) ocorrem de maneira integral na obra, ou seja, a secularização em 1984 ocorreu no nível institucional e também cultural. Pelo nível institucional, está claro que as igrejas não são mais frequentadas, ao menos no bloco de Winston – os outros blocos continentais não são abordados em profundidade na obra.

Já no nível cultural, está evidente que houve um secularismo, pois a religião chegou a ser abolida de fato enquanto prática social e só restaram os ímpetus humanistas, que são combatidos pontualmente pelo partido. Em termos durkheimianos, os sagrados religiosos precisam ser derrotados pelo partido, pois é só o sagrado secular dele é que deve permanecer. Isso até cria uma contradição, pois o partido se torna o todo, quando na verdade a palavra *partido* representa o cindido.

A guerra permanente confere sentido ao mundo e dá uma explicação a todo o processo social, gerando uma desfiliação da figura de Deus - uma vez que a Guerra direciona as interações sociais e as justifica enquanto tal. Dessa maneira, há uma explicação sobre o mundo que dá um sentido - e que serve para explicar as desigualdades e impulsionar os indivíduos para a busca do fim da Guerra – que já se perpetua há várias gerações.

Com relação à categoria Deus, podemos encontrar um deus transcendente de fato (que é o que foi esquecido) e a ideia de Deus (que é só uma ideia, porém é muito perigosa). Porém, é importante ressaltar que a secularização funcionou, e Deus é ressignificado de transcendência para desvio.

A descrença na existência de divindades que habitam uma realidade sobrenatural, e que nas religiões de matriz abraâmicas são concebidas na forma de um Deus único, criador do mundo e responsável por intervir e oferecer um sentido ao destino humano, e a conseqüente construção de uma visão de mundo não-religiosa (DA SILVA, 2020, p.1)

Além de especificamente a secularização e do secularismo, podemos extrair também um tipo de ateísmo específico a esse livro. Em uma definição mais simplificada, o ateísmo seria a negação de Deus, porém o argumento que encontramos explorar é o do Deus esquecido. O Deus esquecido seria aquele contexto no qual os acontecimentos ruins saturaram-se de tal maneira que a existência de um Deus se torna algo irrelevante diante das desgraças humanas, pois a sobrevivência se torna algo mais urgente – e assim Deus mostra ser uma ficção que não é útil universalmente. Portanto, o Grande Irmão substitui o Deus transcendente por uma figura imanente que não erra, produzindo a confiança divina em uma escala humana, dentro das capacidades físicas.

Um último ponto teórico interessante é a proximidade da laicidade e da crítica à URSS. Como isso se vincula ao stalinismo e às denúncias que eram feitas a esse regime? Não haveria aqui uma reflexão a ser feita em relação aos Partidos Comunistas europeus que seguiam as diretrizes do PC da URSS? O Culto à Personalidade e ao Partido,

ênfático e disseminado pela propaganda soviética e dos partidos comunistas em geral, não seria o objetivo das críticas de Orwell e não seria parte do seu discurso secularista e laicizante? O Comunismo não estaria sendo visto enquanto uma religião e Stálin como o seu Deus, na opinião de Stálin?

Os dados deram a entender que a resposta para esses questionamentos é negativa. Afinal, a crítica de Orwell, até por se tratar de um mundo cindido em blocos transcontinental, se deve ao autoritarismo como um todo (dado a militância do mesmo contra o próprio fascismo), não só à URSS (afinal, a história nem se passa na URSS, mas sim na Inglaterra), como ocorreu diretamente com a *Revolução dos Bichos*. Não se pode reduzir também o autor Orwell ao seu momento histórico, como se sua obra fosse apenas uma repercussão especular da realidade empírica – ainda há, no mínimo, elementos artísticos, elementos psicológicos, traduções, e outras mediações que produzem também importantes significações.

### **Considerações Finais**

Este artigo lidou com o secularismo e a secularização no romance *1984*, do escritor inglês George Orwell. Neste romance, que trata de um futuro possível (porém verossímil), podemos observar estes processos completos, o que permite derivar consequências sociais que não seriam passíveis de serem estudadas em sociedades humanas, dado que em nenhuma delas houve secularização finalizada e secularismo em larga escala. Podemos encerrar esse texto com algumas reflexões finais.

A primeira delas é que a literatura pode ser encarada, de fato, como um laboratório para o cientista social, e não necessariamente como uma fábula. Para isso é preciso um olhar para os personagens, que não devem ser encarados como sujeitos históricos ou imitações deles, mas sim como um conjunto de representações sendo expressas por meio de suas falas e ações. É certo que as ciências sociais já conferem importância para alguns romances – como, por exemplo, *Quarto de Despejo*, de caráter mais documental e de um ponto de vista mais crítico. A questão é que outros romances e demais obras ficcionais também podem se prestar a análises sociológicas como uma maneira de oxigenar os próprios pesquisadores de campo ou de documentais.

A última reflexão tem a ver com o sentido inverso, quando um letrista estuda o corpo social, e não se trata necessariamente de uma leitura hermenêutica dele. A literatura acaba gerando cenários em que os personagens interagem segundo lógicas sociais da própria *lore* - dessa maneira, um romancista acaba sendo também um teórico social, cujas concepções podem ser sintetizadas para produzir análises comportamentais. Dessa maneira, através dos objetos analisados, é possível produzir algum grau de convergência entre sociologia e literatura.

### **Referências Bibliográficas**

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da literatura*. Coimbra: Livraria, 2015.
- ALVES, João Paulo Vigneron. *SECULARIZAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO SOCIETAL: UMA PROPOSTA DE ESTUDO TEÓRICO SOBRE O CONCEITO DE SECULARIZAÇÃO*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2017.
- ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. Por que retraduzir? Um estudo do caso de 1984 de George Orwell. *Signo*, v. 46, n. 87, 2021.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, 2009.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. *MORUS—Utopia e Renascimento*, v. 2, p. 4-10, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. São Paulo: Leya, 2011.
- CATROGA, Fernando. *Entre Deuses e Césares: secularização, laicidade e religião civil. Uma perspectiva histórica*. Coimbra: Almedina, 2006.
- \_\_\_\_\_. O Laicismo e a Questão Religiosa em Portugal (1865 – 1911). *Análise Social*, Lisboa, p. 211 – 273, Vol. XXIV (100), 1988 (1º).
- DA SILVA, Ricardo Oliveira. O ATEÍSMO NA HISTORIOGRAFIA. *Revista Relegens Thréskeia*, v. 9, n. 2, p. 01-13, 2020.
- DE ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas; MOTA, Daniel Santos. Huxley, Orwell e a realização das distopias no Brasil contemporâneo. *Lutas Sociais*, v. 23, n. 42, p. 139-155, 2019.
- DEL PINO, Dino. *Introdução ao estudo da literatura*. Porto Alegre: Editora movimento, 1970.
- DOWTY, Lindsay. *1984 as a Religious Critique*. The First-Year Papers, 2017.
- DRABBLE, Margaret. *The Oxford companion to English literature*. London: Oxford University Press, 200.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- EICHENBAUM, Boris. A teoria do “método formal”. In: TODOROV, Tzvetan. *Teoria da literatura: textos dos formalistas russos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.
- FABRINO, Ana Maria J. *História da literatura universal*. Curitiba: InterSaberes, 2014.
- FERREIRA, Júlio Carlos Viana. "George Orwell: anti-imperialista, socialista e patriota (1927-1942)". In: FLORA, Luísa Maria Flora; GOMES, Carla Larouco; SERRAS, Adelaide Meira(org.). *Fernando de Mello Moser: Um Tributo*. Lisboa: BonD. 2015.

- GENTILE, Emilio; MALLET, Robert. The Sacralisation of politics: Definitions, interpretations and reflections on the question of secular religion and totalitarianism. *Totalitarian Movements and Political Religions*. Vol. 1, nº 1. Taylor and Francis Online, 2000.
- GRIFFIN, Roger. Introduction: God's counterfeiter? Investigating the triad of fascism, totalitarianism and (political) religion. *Totalitarian Movements and Political Religions*. Vol. 5, nº 3. Taylor and Francis Online, 2004.
- HORACE. *The works of horace*. New York: Harper & Brothers, 1863.
- LAJOLO, Marisa. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Literatura: ontem, hoje amanhã*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- \_\_\_\_\_. *O que é literatura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- MARTINEZ, L. Yana L.; LOPES, Ricardo Cortez. *Personagens: entre o literário, o midiático e o social*. Curitiba: Viseu, 2019.
- MEZADRI, Fernando. A noção de secularismo em William Connolly como alternativa ao uso da laicidade na compreensão dos conflitos entre política e religião. *Revista Argumentos*, v. 14, n. 2, jul/dez, p. 67-82, 2017.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- MOURA, Carlos André Silva de. *Histórias cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 - 1942)*. 2015. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- QUINTILIAN. *Institutio Oratoria*. Translated by Harold Edgeworth Butler. London: William Heinemann Ltd., 1920.
- TAVARES, Débora Reis. *A revolta contra o totalitarismo em 1984 de George Orwell, a formação do herói degradado*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- TAYLOR, Charles. *Uma Era Secular*. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.